

Folha Liberal, Noticiosa, Industrial e Litteraria

Proprietario — Joaquim Roberto de Azevedo Marques

S. PAULO

Sabbado 28 de Outubro de 1876

BRAZIL

Ao eleitorado liberal de S. Paulo

A comissão do Club Liberal de S. Paulo é de parecer que sejam reputados candidatos do partido liberal à Assembléa Legislativa os cinco cidadãos mais votados na eleição prévia, que effectuou-se a 16 de Outubro e cujo resultado já se publicou pelos jornais.

O eleitorado, porém, com o seu esclarecido bom senso, resolverá o que for melhor:

Foram mais votados no escrutínio prévio os seguintes senhores, na ordem em que vão mencionados:

1.º Conselheiro José Bonifácio de Andrada e Silva, lente, morador em S. Paulo.

2.º Conselheiro Martim Francisco Ribeiro de Andrada, lente, morador em S. Paulo.

3.º Dr. Carlos Leoncio de Carvalho, lente morador em S. Paulo.

4.º Dr. Antonio Moreira de Barros, fazendeiro, morador em Taubaté.

5.º Dr. Bento Francisco de Paula Souza, fazendeiro morador em S. Paulo.

A comissão pede, portanto, a todos os seus correligionários que evidem todos os possíveis esforços de modo a garantir as candidaturas dos referidos nomes, que obtiveram maioria de votos na eleição prévia.

MARTIM FRANCISCO RIBEIRO DE ANDRADA
CARLOS LEONCIO DE CARVALHO.

JOÃO RIBEIRO DA SILVA.

JOAQUIM AUGUSTO DE CAMARGO.

ANTONIO CARLOS DE A. MACHADO E SILVA.

BARÃO DE TRES RIOS.

BENTO FRANCISCO DE PAULA SOUZA,

JOAQUIM ROBERTO DE AZEVEDO MARGUES

COLLABORAÇÃO

RIO DE JANEIRO, 25 de Outubro de 1876

Liberdade dos cultos

XXXV

SUMMARIO—O poder temporal e a infallibilidade: Gregorio o Grande; João XXIII; Honório I; transformação do catholicismo; o altar e o trono; Fernando de Nápoles e Pio VII—Rectificação do caudilho do Equador Garcia Moreno.

A apreciação de alguns actos do actual pontífice, com que termino a minha carta de 20, basta para que se saia, pelos srs. ultramontanos, talvez nem tanto discrepante, qualificado herege, quem sabe se ateu!

Paciencia!... mas eu creio devers que se Pio IX abdicasse o poder temporal, ou resolutamente aceitasse essa reforma, a religião católica podia reasumir todo o esplendor da Igreja primitiva, poderia talvez reunir em um só culto todos os sectares de Jesus Christo, o que faria dar a humanidade um grande passo para a paz universal.

Em vez disso, veio-nos o dogma da infallibilidade, imposto ao concílio do Vaticano contra o voto de centenas de membros, entre os quais sumíndades da Igreja e da Ciência.

Herege segunda vez, impio, inímigo do clero!... porque não creio na infallibilidade papal!

Mas, como heide crer se tantos papas (infallíveis?) a negaram! Como, se em dos que mais illustraram a cadeira de S. Pedro, Gregorio o Grande, escreveu acerca de tal pretensão:

« Sed absit a cordibus christianis nomen istud blasphemia, in quo omnia sacerdotum honos admittuntur, dum ab uno sibi dementer arrogatur. » (Epist. v. 20).

Isto é:

« Longe de toda a alma christã esse qualificativo, que é uma blasphemia, pela qual se tira toda a dignidade aos bispos, enquanto um só loucamente pretende arrogá-la!»

Como heide crer se tantos papas tem commetido fraquezas e até crimes?

Como, se João XXIII, o mesmo que fiz queimar vivo o frade philosopho João Huss, foi destituído com seus dois Anti-papas, pelo concílio de Constança em 1415?...

Se, mesmo em matéria de Ié, o papa Honório, é falso histórico, foi condenado pela Igreja como herege; sentença confirmada sob juramento pelos papas seus sucessores, no decurso de séculos!...

de agressivo, Menahen ficou ainda mais cheio de assombro.

Durante algum tempo, não soube o que houvesse de dizer, e por isso poude à sua vontade contemplar aquela que de um modo tão singular se lhe tinha introduzido em casa.

Era um mancebo de nobre aspecto e de estatura regular.

Trajava gibão de seda, calção de anta e gorro de velludo. Peadi-lhe ao lado uma espada e no cinto brilhava-lhe um punhal. Os seus cabelos ondulados e compridos eram macios e finos e tinha mãos alvas como de uma mulher.

Quando reparou no seu hospede o judeu ficou mais tranquilo, apesar de que o incomodava um pouco o rito um tanto zombeteiro que lhe via brincar nos lábios.

Passado pouco tempo recobrou algum valor para dizer:

— Não comprehendo, cavaleiro, o modo de que vos servistes para entrar numa casa alheia a hora tão imprópria, e desejava obter uma explicação a respeito do que acabava de fazer.

O mancebo cruzou indolentemente as pernas e redarguiu:

— Aquelle que exerce uma profissão de que o público tem de se utilizar, não pode conservar fechada a sua porta nem dia nem noite.

— Ah! então queréis dizer que...

— Que res procurava.

— Mas encontrares-me na rua, cavaleiro.

— Mas a rua não é lugar próprio para consultas, Menahen, redarguiu o cavaleiro. Precisava de ti vim procurar-te. Eu medico, és astrolog, és agiota, vendes oiro, ciencia, talvez também vendas mentiras, e como eu careço de alguma dessas três coisas, aqui me tens disposto a pedir-lás.

— Se é questão de dinheiro, vindes na occasião mais infeliz do mundo. Não tenho nem um maravedi de oiro, nem de prata, nem mesmo de cobre. Vivo hoje do auxilio dos meus irmãos, e mal posso custear esta casa que herdei de meus pais e que por um sentimento de piedade filial conservei com o sacrifício de milhares de privações e de contrariedades.

O desconhecido por-se a rir.

— Apesar dessas pretenções com que procura escudar-te, devo dizer-te uma coisa, Menahen.

— O que é?

— Que sobeste prometerá para amanhã a D. Lope Barrientos a bagatella de dois mil maravedis de oiro de boleia. Também é muito certo que o bom biólogo por garantia as rendas livres de todos os moelhos que hoje agitam as manas águas do rio Huécar, que passa, como sabes pelas imediações de Cuenca.

— Ao ouvir o judeu esta informação ficou com a boca escancarada.

— Aquello que o desconhecido scabara de lhe dizer era exactissimo, porque naquela mesma noite, no certame do palacio, fizeram o argredo de que lhe fallavam, obtendo um lucro muito regular.

Como se atitude do desconhecido não havia mudado

sobre este ponto não desejo ser extenso; mas não podia deixar de apontar as causas a que atribuo a perigosa transformação do catholicismo romano.

A religião está transformada: a nova, a do Vaticano, bem lhe quadra a denominação de — neo-catholicismo. Sua constituição; o Syllabus, está longe do espirito do Evangelho.

Para o verificar ex-fucilis, basta observar a linguagem dos agentes da propaganda.

Comegando pela cupula do edifício, li em uma resposta de Pio IX a perigrinantes, não me lembro quais, estas palavras que já citei: « eu vos abeso na alma e no corpo!... no corpo, para que tenhas robustez para lutar. »

Esta resistência material de certo não se harmoniza com as doutrinas do Crucificado.

Demais, para que combates, para que o emprego da robustez e força física, se no espiritual que é o seu domínio, ninguém ataca a Igreja?

O poder do papa sobre as almas foi-lhe mantido sem a minima quebra. O que lhe falta? o direito de encarcerar? o de expatriar? de confiscar bens? de fuzilar e enforcar?

O de lançar impostos apenas lhe foi tirado parcialmente, em seu antigo domínio temporal. Sabe-se que imensa rede de contribuições a curia romana estende-se por todo o mundo católico.

Descendo a escala hierárquica, repare-se a linguagem dos polemistas ultramontanos: em cada período se depõe com estas expressões: A Igreja militante—repellir a força com a força—os perseguidores dos padres—os impios, os ateus—os nossos inimigos—os inimigos de Deus!!!

Faz lembrar Pio V aconselhando ao rei de França os morticípios que depois se realizaram em dia de S. Bartolomeu, e dizendo-lhe: « vingue as vossas injuriias a de Deus. »

Não podem sorpreender tais explosões de rancor, quando o alvo é a reconquista do poder temporal. A campanha, para este fim, debaldeada por exercito numeroso, fortemente disciplinado, centralizada a ação em Roma, vai produzindo nos países católicos os seus nubentes efeitos; sendo o principal insurgirem-se os padres contra as leis civis; assaltarem as posições de influencia e poder político; pretendem avassilar os governos, organizando sempre que podem um partido católico.

Desta tentativa, a que ligo a maxima importância, hei de ocupar-me especialmente na proxima missiva: é

— Assim como também é verdade, proseguiu o mancebo que esta noite emprestava sobre os diamantes da senhora de Pimentel algumas pushadas de oiro, e é para admirar que ficasse tão pobre no limitado decurso de poucas horas.

Menahen tratou de dissimular a sua surpresa por meio de uma tessarinha fingida que soube improvisar de um modo bastante artístico.

Alvai exclamou:

— É verdade que emprestei algum dinheiro apparentemente em meu nome ao bispo de Cuenca e à condessa do Pimentel; mas esse dinheiro não me pertence. É de Samuel de Burgos, que me dá um pequeno lucro por estes negócios. Parece-me que vos dou uma explicação muito satisfactoria com o que acabo de dizer.

— Seja o que tu quizeres, redarguiu o mancebo. Se tivessemos de proseguir na discussão desta matéria, nunca vos chegaríamos a entender. Não percamos pois tempo a passar-mos adiante.

— Sim, sim, nada mais natural, redarguiu o judeu querendo a todo o custo sahir da conversa espinhosa com que principiava a embarrigar-se.

— Nesse caso devo principiar pelo começo como dizem certos philosophos, exclamou o jovem cavaleiro. Tu has de dizer: este homem que se introduziu em minha casa sem licença do dono, alguma razão podia ter para isso deve ter. Não é verdade, Menahen?

— Não posso deixar de confessar que é verdade, senhor.

— Ora bem; já que estamos um em frente do outro, entendendo-nos.

O mancebo calou-se; o judeu sentiu-se pouco à vontade.

Passado um momento, pois, prosseguiu o jovem cavaleiro:

— Deves saber que preciso de ti.

— Admitto.

— Em primeiro lugar preciso de ti na qualidade de prestamista.

— Bem: suponho que a garantia existe nesse papel; mas de que porção de dinheiro precisa?

— Uma conta muito redonda. Quarenta mil maravedis de oiro.

— Deus de Abraham! quarenta mil maravedis de oiro!

— Nada mais nem menos.

— E quem é o feliz mortal que possue uma tal somma?

— Tu.

— Eu! o pobre judeu a quem a sciencia mal dá para comer!

— Sim, Menahen.

O judeu pôz-se a tremer.

— Isso é impossível.

— Não será quando leres a firma que existe neste papel.

— E que firma é essa?

— Pega no papel e vê.

O mancebo entregou o papel ao judeu, o qual comeu a desatar o cordão de oiro que o prendia.

Concluída que foi esta operação, o judeu len o seguinte:

— Menahen o judeu, no acto de receber estas lettras, entregará ao meu secretario Gonçalo Chacón qua-

renta mil maravedis, sob penhor dos meus bens e com o lucro líquido de oitenta mil maravedis, no prazo de um anno, tirados das comendas do mestre de Sen-

tigo.

O condestável de Castilla,

Altaro de Luna.

assumpto já muito debatido, mas que nunca será de mais esclarecido.

Por hoje e para completar o que disse da transformação do catholicismo e dos tristes efeitos da suposta infallibilidade papal, direi duas palavras do principal argumento com que os ultramontanos tentam fascinar os governos monárquicos, para dominá-los.

« Não ha, dizem, melhor aliado da monarquia do que a religião: os demolidores tentam arrejar o altar para chegar ao trono e prustral-o. »

O argumento é perfeito, enquanto se refere à monarquia pura e de direito divino. O despótismo cimentado pelo obscurantismo clerical, a dominação theocratica, opprimindo as consciências, embrutecendo e empobrecedo os povos para que obedecam cegamente, são doutrinas que se entendem às mil maravilhas para explorar os recursos de um país e preparar a monarquia para perpetuar a sua ominosa acção.

A fermute—O altar e o trono—deve soar muito harmónicamente aos ouvidos de qualquer despótico, seja rei absoluto, como alguns de Espanha, Itália, seja caudilho feroz, como o Garcia Moreno do Equador, que Roma vai canonizar.

Citarei um dos mais eloquentes exemplos desta aliança entre o despótismo civil e o theocratico.

Fernando de Nápoles, tão notável na história pela sua crueldade para com os seus subditos que se tinham revoltado, quanto pela subserviência seu indigno válido Acton, celebrou em 1818 concordata com o papa Pio VII pela qual os bispos ficaram obrigados a revelar ao rei os sagrados da confissão, os negócios do Estado, &c., isto é, a denunciar os revolucionários para serem enferrados.

Ao rei de Sardenha, pouco depois, mandara seu ministro em Roma « a lista dos carbonários daquele país » obliterada do clero pelos mesmos meios e transmitida com o consentimento do papa.

Eis o que conduz a aliança íntima do altar e do trono. Devem pois desejar o homens do Syllabus, que condemnam (art. 80) o progresso, o liberalismo, a civilização moderna; não eu que leio por outra carilha.

— Lê-se no Jornal do Comércio de 16:

perseguia os hereges. Mas como hoje imprensa não permite que se mystifique a historia, esta julgará o novo escândalo que vos assignará o pontificado de Pio IX.

Velho liberal

TRANSCRIÇÃO

(Do *Globo*)

Pastoral do patriarca de Lisbon

Parceiros da maior conveniencia e oportunidade a leitura de alguns trechos de pastoral que acaba de expedir o exm. cardeal patriarcha de Lisboa.

Quando se desentolvam as paixões, quando se prega a violencia, quando se faz da religião de Christo um motivo de guerra de irmãos contra irmãos, é agradável ouvir a palavra de um verdadeiro sacerdote aconselhando a paz e a mansuetude.

Ignacio I, cardeal patriarcha de Lisboa

A todos os nossos amados subditos, saude, paz e bençam.

Fomos informados de que alguns individuos do clero da nossa diocese, esquecidos dos deveres do seu augusto ministerio, se têm envolvido em polemicas acrimoniais e pesadas na imprensa, com grande escandalo das Igrejas.

Procuramos haver cabal conhecimento dos factos que nos eram denunciados, e, com a mais profunda indignação, vimos que os mesmos subditos por membros do clero, e estes parochos, cuja linguagem seria condenável naquelas mesmas que não exercem tão augustas funções, como as que incumbem ao sacerdócio.

Sabemos que é o rei da Fé o incentivo destes desravementos, mas o rei, sucessivo, só é ser prejudicial à mesma Fé. O rei deve ser ilustrado e reflexivo, e sempre acompanhado pela paciencia, mansidão e caridade: in omni patientia ensina S. Paulo, e também nos diz: scilicet ... mansuetum in me.

Mas, é no meio dos perigos que se experimentam as virtudes, amados irmãos do clero da nossa diocese. Se os ministros do Senhor derem ter dânte dos olhos a imagem do seu caracter, e a santidade do seu destino, em toda a parte, em todos os lugares, em todos os tempos e em todas as ações, muito mais urge que nestas quadras de provação para a santa igreja, elles se esmerem em serem exemplos de todos na doutrina e nas ações.

O bom exemplo é uma instrução contínua, sempre fructuosa, porque envergouha os maus e alenta os bons.

Ah! amados irmãos, se todos conhecesssem bem os perigos do meu exemplo, nem um só de vós outros se afastaria do caminho da virtude. O eclesiastico escandaloso é uma praga da religião, profana sacrilegamente o seu caracter, e causa maiores estragos à fé, do que muitos impios.

Por isso vos lembramos as tribulações da santa igreja, para que sejais ainda mais severos no cumprimento dos deveres do vosso sagrado ministerio.

Lembrai-vos de que Jeremias atribui as desgraças de Jerusalém aos peccados dos falsos profetas, e às iniquidades dos sacerdotes. E, porventura, terão a sua parte nas angustias da nossa santa igreja, também as iniquidades de alguns sacerdotes, que se deixam arrebatador por más paixões? As verdades mais terríveis da religião perdem a sua eficacia na boca do sacerdote escandaloso.

O justo intibia, o perverso torna-se mais suzus, o impio, repleto de insano orgulho, zomba do indigno sacerdote, e probrab-lhe:

«Tu que ensinas os outros, porque tanto ensinas primeiro a ti? E, de envolta com este ludibrio do sacerdote, vai o da religião e o santo nome de Deus e blasphemado.

Não pôde haver espetáculo mais doloroso para o coração de um bom pastor, do que ver os ministros do Senhor e soltando impreperios e ameaças, em linguagem descomida e descomposta, respirando odio, rancor, colera, e dizendo e curvando torpes aliados, o arrastando a gravidade do seu caracter, a pureza do seu sagrado ministerio, ignominiosamente pelo lodaçal das paixões sujas e desenredadas.»

Onde está a modestia que os deve fazer conhecidos a todos os homens, como tanto recomendou o Apostolo? Onde estão as candidas vestes de justicia de que sempre devem aparecer vestidos, seguindo a expressão do propheta?

Oh! estes los detinham ter bem presentes as salutares admoestações do grande duutor Santo Agostinho, o qual adverte a todos os ministros do Senhor: «Que não é com modos duros e imperiosos que se corrigeem os escândalos; que os decretos ocupam mais em instruir, do que em mandar, mais em exhortar do que em ameaçar...»

E' nessa dôr tem subido de ponto, vendo que também alguns parochos hão ocorrido uns abusos e demissões, que tanto reprehendendo; os parochos, cooperadores e coadjutores nossos no pastoral do ministerio, os parochos que são os operarios que o rei de famílias enxova a cultivar na sua vinha, as sentinelas collocadas pelo Senhor nos muros da cidade santa, para vigiarem e clamarem incessantemente de noite e dia, e advertirem aos seus filhos dos perigos e ruinas que os ameaçam; os parochos, emfim, aos quais o Apostolo dirige estas affectuosas recomendações:

«Sêis os exemplares dos Ieis das conversações, nas maneiras d'les e afflitos de tratar com todos, na caridade, na fé, na cistidate; véde o modelo das boas obras; em tudo, na doutrina, na interest, na gravidade; interpretabtis, na vossa linguagem e em vossas palavras, que não devem respirar, senão pureza e santidade, para que os homens depravados e os inimigos da santa igreja, não tendo de que vos arguir, se cubram de pjo e estejam sempre tendo nas vossas ações e costumes e implacavelmente reprehendendo os seus, e como podem olvidar-se de que viles são os espíritos onde os Ieis devem encontrar os exemplares de todos as virtudes que nos ensinou, e de que nos deu exemplo o Divino Redemptor!

O parochio é o pai carinhoso do seu rebanho, como ha de mostrar-se irado, raioso, descomposto nas suas paixões?

Se queres e desejas conduzir os outros pelas veredas da justica, como hei-de seguir pelos caminhos opostos? Se aspiras, como é nosso dever, a levar a luz aos corações dos outros, como vos deizas cobrir o coração do deus não das más paixões? Um exemplo, n'hum exemplo, é o melhor pharol dos espíritos; e se queres auxiliar os outros pelo vosso ministerio, concéde que primeiro vos santifiques a vós mesmos. Todo o ministerio do Senhor que não dée dous exemplares é o maior inimigo do mesmo Senhor, e quem das condes terá de dar pernas a quem atrapalhou?

Pelos merecimentos de domo por e Senhor Jesus Christo, que, prestes a expirar, pediu perdão para os seus inimigos, para os seus alugores, vos pedimos e ob-

servamos, amados irmãos, que vos abstinhaeis de todas as questões, em que possa ser empanada a pureza do vosso ministerio, e preservada a nossa santa religião, pelas audiencias dos impios. O clero é a milícia da egreja, não ha dúvida, cumpre-lho estar sempre vigilante pela fé, mas as suas armas são as legítimas, e as orações; e que não vence a mansidão e o carinho não o vencerão nunca força e violencia. O orgulho resiste contra a imposição da força, mas pode curvar-se facilmente ante a mansidão, sobretudo, ante a caridade, e compêndio de todas as virtudes. Succumbiram os Santos martyres em atrocissimos tormentos, mas a sua mansidão, a sua humildade, a sua caridade, ihes conquistaram a palma da victoria no céu, e o seu sangue fez a semelhante condensação da palavra e da lei do primo martyr, o nosso divino redemptor.

Tambem temos sido infelizes de que, não só em escriptos publicados na imprensa sendo nos proprios pulpitos, alguns individuos do clero da nostra diocese se tem abalançado a faltar ao respeito ás leis politicas, e que regem a nossa patria, envolvendo-se em questões e alheias completamente do ministerio sacerdotal. Aqueles preceitos que, nas sagradas lettras se encontram, impondo a obediencia dos soberanos não se referem só ás pessoas dos mesmos subditos, senão também ás pessoas por quem tem direito de as fazer, e a que todos devem obediência.» Disse Solomão: «Os reis reinam e administram justiça em meu lugar; e o apostolo ensina que não ha poder na terra que não venha de Deus; e que quem resisto ao poder legitimo, resisto ao mesmo Deus: vñm, são muitos os preceitos evanglicos, que aconselham a obediencia e o respeito nos poderes publicos, que regem o estatuto. E tão longe vai o rigor destes preceitos, que nas antigas lettras vemos os profetas a aconselhar aos israelitas, que gemiam sob o jugo do impio Nabuchodonosor, que implorassem a proteção do céu a favor do tyrono de seu filho Baltazar: «pedi-lhe para estes principes dias venturosos, e cuja duração iguala à duração do mundo; e assim procederam os antigos christianos, sob o império dos tyranos e perseguidores: «Nós oramos, dia um padre do segundo seculo, de todo o nosso coração por todos os imperadores; pela conservação da sua vida, pela segurança do seu imperio pela fortaleza dos seus exercitos, pela fidelidade dos seus servos, pela probidade do seu povo e pela paz, e tranquilidade do mundo.

Que sublimes maximas, que gloriosos exemplos, amados irmãos, vêm nos apresentam nestes factos, e nessa doutrina? E além disto; o apostolo mui claramente os confirma, dizendo: «Nenhum de vicio espiritual se envolve em negocios seculares»; e ainda mais, no primeiro concilio se declarou que fosse expulso todo o bispo ou presbiterio, ou diacono, que se distrahiass com os cuidados de negocios temporais.

Demos a Deus o que é de Deus, e a Cesar o que é de Cesar; e este apostol cujo preceito abrange todos os deveres do sacerdócio com relação ao poder secular, e elle deve ser a norma invariavel de todos os ministros do altar.

Ao sacerdote incumbe, antes de tudo evitar o escândalo. Os inimigos da Fé espreitam cuidadosamente todos os erros e abusos do clero, para os aproveitarem contra a mesma Fé. Se muitos sabem ter, caridade para tales erros e abusos, estes são os bons; os maus, porém são exoneráveis; e pensas que os seus erdis, os seus artificios, coroados com os escândalos dos sacerdotes desvairados não cause grandes estragos nas almas? Já vol-advertimos, e novamente insistimos neste ponto. O impio, o mau folge com as ações escandalosas do clero, porque sabe que nas consciencias timidas, nos espíritos em que a Fé não é bem viva o desconceito do ministerio recache (muitas vezes na instituição).

Amados irmãos, a santa egręja, pelo bane do veneravel sumo pontífice que ora a elle preside, tem denunciado ao mundo as angustias que sofre, as tribulações por que está passando; é preciso, pois, que toda a malícia espiritual cerre as suas illas para defender a arca santa da nossa Fé: mas cumple que, na pena, jámás nos afastemos dos preceitos e da doutrina evangélica. Se contra nos os inimigos empregarmos as mesmas armas que elles empregam contra nós, então querámos nós, mais do que elles?

A imprensa é como uma turbina; se os sacerdotes ali se apresentarem immodestos, insultadores, scriminosos, além de macularem o seu caracter, fuzem-se participantes dos peccados, que devem reprender. Bem aconselha o apostolo aos ministros do senhor que não se occupem de fabulas e gneulos; que se abstengam de alterações de homens perversos de entendimento, de questões e contendas de palavras, de ondas se origina a inveja, bulhas blasphemias, más supeleias. Se, pois, diante de todo o público fizereis o contrario do que ensina o apóstolo, perdereis todos o conceito, toda autoridade, e serais o objecto de dão para os bons, e de jubilo para os maus, e serais o escândalo de todos.

No pulpite, não deve ressoar senão a palavra divina, a mais pura doutrina evangélica e o ensinamento do amor de Deus e do proximo pelo amor de Deus, princípio e fim de toda a caridade que nasce de um coração puro, e de uma boa consciencia, e de uma fé nôa longa, de que, apartando-se algum, se dão a discursos vãos, querendo ser doutores da lei, não sabendo o que d'zem, nem o que afirmam.

Seremos, pois, mansos, humildes e caridosos; a nossa linguagem respeita aquela suavidade, aquella unção, que commorem e penetram profundamente os corações; em vez de suscitar mal e alimentar a si-same, e cõ-lera, o odio e o rancor, procuremos aplacar esses perigos a ruas, e re-tuitar a paz aos espíritos alvajeados com contendas esterias, dominados por sentimentos que são um perigo para a salvação das almas, sim e que sempre devemos mirar, como o maior, o único de humanidade remida pelo preciosissimo sangue de Nosso Senhor Jesus-Christo.

Amados irmãos, confidamos oportuno que esta nossa pastoral adm estação produzirá salutares efeitos, e que nós não temos de reprehender; nenhum individuo do clero da nostra dice-se, por dor escândalo nas suas ações e nas suas palavras; porque muito doloroso nos será termos de recorrer a demonstrações severas, mas a que não podermos escapar-nos, em cumprimento do nosso pastoral ministerio o para bem da Nossa Santa Madre Igreja, e augmento e segurança do thesouro da fé católica, apostólica, romana.

Ordemos-nos aos reverendos padres, que apenas este nossa adm estação pastoral lhes for entregue, a fazem publicar o Ier. das suas igrejas, em quatro dominos seguidos a dous santos de guarda, intromédios, e estação da massa conventual.

Veda na nossa reverenda patriarchal de S. Vicente de Faria, sob nosso sinal e selo das nossas armas em 28 de Agosto de 1870.

J. Cardeal patriarcha.

REVISTA DOS JORNALIS

Capital, 27 de Outubro de 1870

Diário de S. Paulo. Expediente da presidencia: Boletim eleitoral; Províncias do Norte; Variedades—Um filantropo americano (transcrição); Publicações pedidas; Miscellanea; Commercio, Editaes e Anuncios.

A Província de S. Paulo. Chronica politica com o título. «Symptoma de meu coração».

Nesse artigo o contemporâneo ocupa-se com as noticias ultimamente vindas do Rio a respeito do de-sacato que o bi-po daquelle dice-se sofreu na igreja de Santa Rita a 21 do corrente.

Diz que semelhante facto não é normal, nem está nos hábitos nem na índole passiva e inerte da educação social do povo brasileiro, por isso que este nasceu e cresceu sob o influxo da religião do estado que é a católica.

E' portanto a assuda ao referido bi-po um facto ponderoso, em sua opinião.

Acrescenta que não somente lamenta o acontecimento, mas também é necessidade procurar-se a causa dele, e chegou a este ponto assim termina as suas considerações:

«Esta causa existe. Não pôde ser outra senão a posição hostil, agressiva, conquistadora, que tomou no paiz o ultramontanismo.

O apelo oficial governamental dado à propaganda de Roma, a inegável aliança do altar e do trono, ali estão a desafiar a reacção nacional;

Todas as reacções são apascentadas, cometem excessos, descem ao recurso da brutalidade e da violencia.

Eis ahi a explicação do caso, logica, intuitiva, irre-cusável.

Uma causa é para desfjar, a saber:

Que o nosso governo saiba ler naquelle facto revolante a sua significação philosophica e social, e devidamente pezel-o.

Só assim não chegará o paiz aos excessos que o caso prognostica.

Segue: Revista dos jornaes; Secção livre, quase toda ocupando-se com questões políticas; Noticiario, etc.

Tribuna Liberal. Editorial com o título—«As transações», o qual sustenta que estas não encontram entre os homens um motivo que as justifiquem, (sob o ponto de vista politico).

Finalizando, assim se exprime:

«Ao exemplo das transações felizes, prefram os a honra das derrotas gloriosas. Qualquer que seja o nosso partido, morremos de pé ao lado do nosso estandarte.

Segue: Transcrição relativa a acontecimentos do Rio Grande do Sul e nos quais está envolvido o nome do ilustrado sr. dr. Silveira Martins; Notícias do Rio de Praia, A pedido, Noticiario, etc.

Em folhetim continua a publicar o romance brasileiro—*História de um pescador* do distinto escriptor Luiz Dolzani.

Esse romance começou a ser publicado ha dias.

NOTICIARIO GERAL

Hospedes — Estiveram nesta capital e acham-se actualmente em Campinas, vindos ultimamente da corte os distinguidos engenheiros sr. drs. Jorge Ottoni e Caio Ferreira.

Se, ss. vieram segundo nos informam, conhecer de perto o adiantamento material desta província, especialmente no que diz respeito à estrada de ferro.

Theatro S. José — Ante-hontem deu-se ali a quarta representação da grande magica «Ali-Babá».

A concorrência é numerosa, especialmente nos cariocas.

No primeiro acto por occasião de pronunciar o artista Vasques a frase — «este burro» parece que já foi mestre de escola na sua terra, apareceram manifestações de desagrado por parte de alguns espectadores das plateas dando isso lugar a um rápido sobre-falso.

Immediatamente, porém, o silencio restabeceu-se e o artista foi, durante todo o espectáculo, muito aplaudido, sendo depois acompanhado com musica e muitas pessoas à casa da sua residência.

Hoje realizou-se a primeira representação da grande opera comică burguesa em 3 actas e quatro quadros intitulada — «A grã duquesa de Gerolstein».

A tradução é de Eduardo Garrido, e a musica do celebre mestre Olfembach.

Chamamos a atenção do publico para o respectivo anuncio.

A Pastoral do Patriarca de Lisbon — Trasladamos hoje para as colunas desta folha a importantissima pastoral que o patriarca de Lisboa dirigio ao clero de Portugal, e em cujas palavras transparece o brilho sublime de um espirito verdadeiramente eterno.

O Clube do Ier. de Janeiro, donde fizemos a transcrição, diz que no dia em que publicou a notável pastoral o jor. teve tal procura que chegou a ex-gotar-se edição do d.a, pelo que se fazer-se uma reimpressão do mesmo numero!

Chamamos pois a atenção do publico e do clero paulistano para as paixões do ambiente patriarcal.

Professor — Achou-se neste capital o ilustrado sr. Arsenio Pessoloni, habil professor de diversos prepartorios.

Para o anuncio que hoje faz em outra seção, chamamos a atenção de nossos leitores, a quem recomendamos o sr. Arsenio, como cavaleiro de muito merecimento.

Polícia urbana — Comunicam-nos da secretaria de polícia:

Poi remetido à estação central pelo guarda da rua

NOMES

Primeiro anno

	1.º CAD.	2.º CAD.	3.º CAD.	1.º CAD.	2.º CAD.	3.º CAD.	MAT.	NÚMEROS		1.º CAD.	2.º CAD.	3.º CAD.	1.º CAD.	2.º CAD.	3.º CAD.	
	Abonadas	Não abonadas	Por abonar	Abonadas	Não abonadas	Por abonar	Abonadas	Não abonadas	Por abonar	Abonadas	Não abonadas	Por abonar	Abonadas	Não abonadas	Por abonar	
1	Cecília Ferreira Ramos	30	..	23	..	2	..	32	28	23	Alberto Fialho	..	28	..	29	28
2	José Leopoldo de Bullhões Jardim	11	..	11	1	4	..	15	14	24	José Ant.º Peleira de Magalhães Castro	..	19	..	24	19
3	Cornelio Catão Mazza (Perde o anno)	3	..	8	1	3	9	25	Octaviano Coelho da Silva	..	38	..	38	38
4	Padre Manuel Antônio Ferreira	5	..	5	5	5	26	Antonio Caio da Silva Prado	..	36	..	38	36
5	Antonio Luiz dos Santos Werneck	5	..	4	..	2	..	5	4	27	Bernardino Ferreira da Silva	..	7	..	8	4
6	Francisco Villela de Oliveira Marcondes	5	..	26	..	3	..	29	29	28	José de Sodré Brantão	..	1	..	34	30
7	João Monteiro Peixoto	7	..	8	..	1	..	8	8	29	Briano O'neor de Cam.º Daquatre	..	2	..	38	26
8	José Vieira de Moraes	1	1	3	3	30	João Manoel Carlos de Gusmão	..	1	..	21	21
9	Pedro do Couto Delgado	29	..	10	5	4	..	33	16	31	Jacyntho Alvares da Silva Campos	..	6	..	37	25
10	José Teixeira Machado	16	..	14	..	5	..	21	19	32	Edvino de Andrade Figueira	..	7	..	10	7
11	José Bernardino de Souza Ribeiro	27	..	29	..	5	..	32	36	33	Alfonso da Silva Brandão	..	7	..	38	33
12	José Aniceto de Paula Cândido	11	..	11	..	2	..	13	14	34	José de Magalhães Couto Junior	..	12	..	33	13
13	José Ezequiel Freire	16	..	18	..	2	..	18	20	35	José Maria Lamasceres Junior	..	6	..	39	36
14	Wenceslau Pereira de Escobar	13	..	14	..	2	..	16	16	36	Luiz Edmundo Cazes	..	36	..	38	39
15	Alexandre Cassiano do Nascimento	7	..	5	1	7	7	37	Luiz Ferreira Garcia	..	1	..	38	37
16	Cherubim de Moraes Gomide	30	..	30	1	3	..	33	37	38	Francisco C. da S.º Guerra Filho	..	4	..	39	37
17	Henrique Graça	21	..	26	..	3	..	24	28	39	Eduardo Augusto Nogueira de Camargo (a)	..	37	..	39	37
18	Antônio Baptista de Campos Pereira	38	..	38	..	1	..	39	38	(a) Anteriores à matrícula 30 faltas na 1.ª cadeira e 25 na 2.ª						
19	José Quim Vicente Lopes de Oliveira	37	..	38	..	2	..	21	22	1	Antonio Vieira dos Santos Werneck	..	6	..	8	8
20	Frederico Augusto Carr Ribeiro	19	..	19	4	2	..	12	12	2	Fernando Pacheco de Vasconcelos	..	22	..	28	25
21	Antonio Gomes Pinheiro Machado	10	..	12	..	2	..	27	24	3	Leonce Augusto Pinheiro da Silva	..	33	..	37	36
22	Antonio Maria da Silva	24	..	23	..	3	..	1	11	4	José Gomes Pinheiro Machado	..	7	..	35	31
23	Gustavo Alberto de Aquino e Castro	13	..	10	..	5	..	35	31	5	Antonio Muniz de Sousa	..	19	..	16	19
24	João Galeão Carvalhal	30	..	25	..	5	..	30	29	6	Frederico Ferreira França	..	12	..	17	13
25	Cezario Pereira de Araújo	(a) 26	..	26	..	4	..	35	39	7	Antonio Joaq.º Manhães de Campos	..	39	..	39	39
26	Eduardo Figueira de Aguiar	(b) 30	..	33	5	5	..	37	39	8	Pedro Mariuni Junior	..	24	..	15	27
27	Joaquim Augusto de Oliveira Santos	(b) 5	..	4	..	1	..	5	5	9	Antonio Joaquim Barbosa da Silva	..	15	..	15	27
28	Affonso Celso de Assiz Figueiredo Junior	(b) 37	..	39	..	2	..	35	38	10	Júlio Benedito Ottoni	..	16	..	32	19
29	Bento Carneiro e Almeida Pereira	(b) 37	..	32	4	2	..	27	28	11	Carlos Norberto de Sousa Aranha	..	14	..	22	15
30	José da Rocha Cavalcante	(b) 33	..	26	..	3	..	12	13	12	Lúcio Soares Bernardes de Gouveia	..	2	..	2	1
31	Vasco Pinto Barreiros Filho	(c) 24	..	13	..	2	..	30	22	13	Manoel Antônio Dutra Rodrigues	..	15	..	25	18
32	José Joaquim Cardoso de Melo Junior	(c) 10	..	17	..	3	..	14	9	14	José de Sousa Queiroz	..	16	..	17	19
33	Brazilio Alves Corrêa do Amaral	(c) 27	..	6	..	2	..	35	38	15	Joaquim Vidal Leite Ribeiro J.º	..	23	..	28	25
34	José da Silva Vergueiro	(c) 12	..	29	8	3	..	19	16	16	Luiz Albino Barbosa de Oliveira	..	8	..	9	9
35	Antonio Corrêa de Campos Mesquita	(c) 32	..	11	..	5	..	17	15	17	João Pereira da Silva Continentino	..	6	..	9	6
36	Luiz Rodrigues de Lorena Ferreira	(c) 16	..	14	..	1	..	23	30	18	Loiz de França Vianna	..	9	..	9	6
37	João Alves Corrêa do Amaral	(c) 13	..	14	..	1	..	31	32	19	Manoel Joaquim da Silva Filho	..	7	..	10	9
38	Frauclio de Toledo Malta	(d) 28	..	28	..	3	..	39	38	20	Tristão Pereira da Fonseca	..	2
39	Antonio Silverio de Alvarango	(d) 39	..	38	..	4	..	24	24	21	Floriano Leite de Assis	..	25	..	29	26
40	José Severino Fernandes Junior	(d) 20	..	22	..	2	..	8	13	22	Alfredo Augusto da Rocha	..	25	..	30	28
41	José de Abreu Medeiros	(e) 8	..	13	24	32	23	Antonio Larada Fontoura Palmeiro	..	26	..	37	33
42	João Baptista da Silveira	(e) 21	..	28	..	3	..	27	23	24	Marcos Pereira de Escobar	..	22	..	15	22
43	Horacio Moreira Guimarães	(e) 25	..	22	..	2	..	39	39	25	José Vicente Castro do Amaral	..	11	..	13	14
44	Wenceslau de Oliveira Bello	(e) 38	..	35	..	1	..	31	34	26	Felisberto Rodrigues Milagres	..	32	..	39	36
45	Thomé Joaquim Torres	(e) 27	..	28	..	4	..	37	34	27	J.º Joaq.º Ferr.º da Costa Braga	..	6	..	7	6
46	Benedicto de Filadelpho Castro	(f) 34	..	28	1	3	..	21	22	28	Pedro Francisco Guimarães Filho	..	10	..	16	14
47	Carlos Augusto Freitas Villalva	(f) 17	..	18	..	4	..	38	36	29	Carlos Ferreira França	..	3	..	35	33
48	Honorio Augusto de Souza Brandão	(f) 34	..	15	..	1	..	8	8	30	João Baptista de Sampaio Ferrez	..	7	..	33	29
49	José Estanislau de Oliveira Queiroz	(f) 34	..	34	..	4	..	11	17	31	Ignacio Marcondes Romeiro	..	20	..	14	24
50	Vicente Machado da Silva Lima	(g) 38	..	35	..	1	..	32	34	32	Olympio Alvares de Magalhães	..	14	..	17	17
51	José Pinheiro de Andrade	(h) 11	..	17	..	1	..	39	38	33	José Pinto do Carmo Cintra	..	22	..	34	24
52	Caristiano Alberto de Viana Ritt	(i) 32	..	33	..	1	..	39	38	34	Pedro Muniz Leão Velloso	..	2	..	22	20
53	João Carlos das Chagas Leite	(j) 38	..	38	..	1	..	39	36	35	Francisco Baptista Vieira	..	2	..	30	36